

# O rapaz que saiu para aprender a ter medo

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um pai tinha dois filhos. O mais velho era inteligente e esperto e sabia se arranjar em tudo; o mais novo, porém, era tolo, não conseguia compreender nem aprender coisa alguma. Quando as pessoas o viam, diziam: “Esse ainda vai dar trabalho ao pai!” Sempre que havia algo a fazer, era o mais velho quem tinha de resolver. Mas, se o pai lhe mandava buscar alguma coisa tarde da noite, e o caminho passava pelo cemitério ou por outro lugar sinistro, ele respondia: “Ah, não, pai, não vou lá! Fico arrepiado!”, pois tinha medo. Ou, quando contavam histórias à noite, junto ao fogo, daquelas que fazem a pele se arrepiar, os ouvintes às vezes diziam: “Ah, fico arrepiado!” O mais novo ficava sentado num canto, ouvindo, sem entender o que aquilo queria dizer. “Sempre dizem: fico arrepiado, fico arrepiado! Eu não sinto arrepios. Deve ser uma arte da qual também não entendo nada.”

Certa vez, o pai lhe disse: “Escute, você aí no canto! Está ficando grande e forte; precisa aprender alguma coisa para ganhar seu pão. Veja como seu irmão se esforça, mas com você tudo é trabalho perdido.” “Ora, pai”, respondeu ele, “quero muito aprender alguma coisa. Se fosse possível, gostaria de aprender a sentir arrepios; disso ainda não entendo absolutamente nada.” O mais velho riu ao ouvir aquilo e pensou: “Meu Deus, como meu irmão é pateta! Nunca vai dar em nada. Para virar gancho, é preciso se curvar desde cedo.” O pai suspirou e respondeu: “Sentir arrepios você há de aprender, mas não vai ganhar seu pão com isso.”

Pouco depois, o sacristão foi visitar a casa. O pai lhe contou suas aflições e disse que o filho mais novo era tão pouco instruído em tudo: não sabia nada e não aprendia nada. “Imagine: quando lhe perguntei como queria ganhar seu pão, ele disse que desejava aprender a sentir arrepios!” “Se é só isso”, respondeu o sacristão, “pode aprender comigo. Mande-o para minha casa; vou desbastá-lo direitinho.” O pai concordou, pensando: “O rapaz ao menos será aparado um pouco.” O sacristão o levou para casa, e ele tinha de tocar o sino. Alguns dias depois, acordou-o à meia-noite e mandou que se levantasse, subisse à torre da igreja e tocasse o sino. “Você vai aprender o que são arrepios”, pensou. Foi escondido na frente e, quando o rapaz chegou ao alto e se virou para pegar a corda do sino, viu uma figura branca parada na escada, diante da abertura por onde saía o som. “Quem está aí?”, gritou. Mas a figura não respondeu, não se mexeu nem se moveu. “Responda”, gritou o rapaz, “ou trate de ir embora! Você não tem nada que fazer aqui à noite.” O sacristão continuou imóvel para que o rapaz acreditasse que era um fantasma. O rapaz gritou pela segunda vez: “O que você quer aqui? Fale, se é um sujeito honesto, ou vou jogá-lo escada abaixo!” O sacristão pensou: “Ele não deve estar falando tão sério.” Não soltou um som e ficou como se fosse de pedra. O rapaz o chamou pela terceira vez e, como também não adiantou, tomou impulso e empurrou o fantasma pela escada. Ele caiu dez degraus e ficou deitado num canto. Depois disso, o rapaz tocou o sino, foi para casa, deitou-se sem dizer uma palavra e dormiu. A mulher do sacristão esperou muito pelo marido, mas ele não voltava. Por fim, ficou aflita, acordou o rapaz e perguntou: “Você não sabe onde meu marido foi parar? Ele subiu à torre antes de você.” “Não”, respondeu o rapaz, “mas havia alguém parado na escada, diante da abertura do sino. Como não queria responder nem ir embora, achei que fosse um patife e o empurrei lá para baixo. Vá até lá e veja se era ele; eu ficaria muito triste.” A mulher correu e encontrou o marido deitado num canto, gemendo, com uma perna quebrada. Levou-o para baixo e depois foi aos gritos até o pai do rapaz.

“Seu filho”, gritou, “causou uma grande desgraça! Jogou meu marido escada abaixo e lhe quebrou uma perna. Tire esse imprestável da nossa casa!” O pai se assustou, veio correndo e repreendeu o rapaz: “Que diabruras ímpias são essas? Só podem ter sido ideia do Maligno!” “Pai”, respondeu ele, “escute: sou inteiramente inocente. Ele estava ali à noite como alguém que pretende fazer o mal. Eu não sabia quem era e o avisei três vezes para falar ou ir embora.” “Ah”, disse o pai, “com você só me acontecem desgraças! Saia da minha frente, não quero mais vê-lo!” “Sim, pai, com muito gosto. Espere apenas amanhecer: vou sair e aprender a sentir arrepios. Assim ao menos saberei uma arte que pode me sustentar.” “Aprenda o que quiser”, disse o pai, “para mim tanto faz. Aqui tem cinquenta táleres; vá pelo vasto mundo e não diga a ninguém de onde veio nem quem é seu pai, pois tenho de me envergonhar de você.” “Sim, pai, como quiser. Se não exige mais nada, posso me lembrar disso facilmente.”

Ao amanhecer, o rapaz pôs os cinquenta táleres no bolso, saiu para a grande estrada e ia dizendo consigo mesmo: “Se ao menos eu sentisse arrepios! Se ao menos eu sentisse arrepios!” Um homem se aproximou e ouviu o rapaz conversando sozinho. Quando já tinham andado um pouco e se avistava a forca, o homem lhe disse: “Está vendo? Ali está a árvore onde sete se casaram com a filha do cordoeiro e agora aprendem a voar. Sente-se debaixo dela e espere a noite chegar; então vai aprender a sentir arrepios.” “Se é só isso que precisa”, respondeu o rapaz, “é fácil. Mas, se eu aprender tão depressa a sentir arrepios, você ficará com meus cinquenta táleres. Volte aqui amanhã cedo.” O rapaz foi até a forca, sentou-se debaixo dela e esperou até anoitecer. Como estava com frio, acendeu uma fogueira; mas à meia-noite o vento soprava tão gelado que, apesar do fogo, ele não conseguia se aquecer. Quando o vento batia os enforcados uns contra os outros, fazendo-os se mexer de um lado para outro, pensou: “Você está com frio aqui embaixo, junto ao fogo; imagine como eles devem estar com frio e se agitando lá em cima!” Como tinha pena

deles, encostou a escada, subiu, desatou um após outro e trouxe os sete para baixo. Atiçou o fogo, soprou as brasas e os sentou em volta, para que se aquecessem. Mas eles ficavam parados, e o fogo pegou em suas roupas. Então disse: “Tomem cuidado, ou vou pendurá-los lá em cima de novo!” Os mortos não ouviam; ficavam calados e deixavam seus farrapos queimar. Ele se zangou e disse: “Se não querem prestar atenção, não posso ajudar. Não vou queimar junto com vocês!” E tornou a pendurá-los, um após outro. Depois se sentou junto ao fogo e adormeceu. Na manhã seguinte, o homem veio para receber os cinquenta táleres e perguntou: “Então, já sabe o que são arrepios?” “Não”, respondeu ele. “Como haveria de saber? Aqueles lá em cima não abriram a boca e foram tão tolos que deixaram queimar os poucos trapos velhos que traziam no corpo.” O homem viu que não levaria os cinquenta táleres naquele dia, foi embora e disse: “Nunca encontrei ninguém assim!”

O rapaz também seguiu seu caminho e tornou a dizer consigo mesmo: “Ah, se ao menos eu sentisse arrepios! Ah, se ao menos eu sentisse arrepios!” Um carroceiro que vinha atrás dele ouviu aquilo e perguntou: “Quem é você?” “Não sei”, respondeu o rapaz. O carroceiro continuou: “De onde você vem?” “Não sei.” “Quem é seu pai?” “Isso não posso dizer.” “O que fica resmungando o tempo todo?” “Ora”, respondeu o rapaz, “queria sentir arrepios, mas ninguém consegue me ensinar.” “Deixe essa conversa tola”, disse o carroceiro. “Venha comigo, vou ver se encontro onde você ficar.” O rapaz o acompanhou e, à noite, chegaram a uma estalagem onde queriam pernoitar. Ao entrar na sala, ele tornou a dizer bem alto: “Se ao menos eu sentisse arrepios! Se ao menos eu sentisse arrepios!” O estalajadeiro ouviu, riu e disse: “Se é isso que deseja, aqui deve haver uma boa oportunidade.” “Ah, fique quieto”, disse a mulher do estalajadeiro. “Tantos curiosos já perderam a vida! Seria uma pena e uma lástima se esses belos olhos nunca mais vissem a luz do dia.” Mas o rapaz disse: “Por mais difícil que seja, quero aprender de uma vez; foi para isso

que saí de casa.” Não deu sossego ao estalajadeiro até ele contar que, ali perto, havia um castelo enfeitiçado onde alguém poderia aprender o que eram arrepios, bastando passar três noites de vigília lá dentro. O rei havia prometido sua filha em casamento a quem se arriscasse; ela era a moça mais bela sobre a qual o sol brilhava. No castelo também havia grandes tesouros, guardados por espíritos malignos; eles ficariam livres e poderiam tornar um pobre bastante rico. Muitos já haviam entrado, mas nenhum voltara a sair. Na manhã seguinte, o rapaz foi à presença do rei e disse: “Se me permitir, gostaria de passar três noites de vigília no castelo enfeitiçado.” O rei o olhou e, como gostou dele, disse: “Você pode pedir mais três coisas, mas precisam ser coisas sem vida, que possa levar para o castelo.” Ele respondeu: “Então peço um fogo, um torno e uma bancada de entalhe com uma faca.”

O rei mandou levar tudo para o castelo durante o dia. Ao cair da noite, o rapaz subiu, acendeu um fogo forte num aposento, pôs ao lado a bancada de entalhe com a faca e se sentou no torno. “Ah, se ao menos eu sentisse arrepios!”, disse. “Mas aqui também não vou aprender.” Perto da meia-noite, quis atizar o fogo; enquanto soprava, ouviu de repente um grito vindo de um canto: “Ai, miau! Como estamos com frio!” “Seus tolos!”, gritou ele. “Por que estão gritando? Se estão com frio, venham se sentar junto ao fogo e se aquecer.” Assim que disse isso, dois grandes gatos pretos chegaram num salto enorme, sentaram-se um de cada lado dele e o encararam ferozmente com seus olhos de fogo. Depois de um tempo, quando já estavam aquecidos, disseram: “Camarada, vamos jogar uma partida de cartas?” “Por que não?”, respondeu. “Mas mostrem suas patas.” Eles estenderam as garras. “Ora”, disse ele, “que unhas compridas! Esperem, primeiro preciso cortá-las.” Pegou-os pelo cangote, ergueu-os até a bancada de entalhe e prendeu suas patas com os parafusos. “Estou de olho nos seus dedos”, disse. “Assim perco a vontade de brincadeira de gato.” Matou-os a golpes e os jogou na água lá fora. Mas,

depois de dar sossego àqueles dois, quando ia se sentar novamente junto ao fogo, vieram de todos os cantos gatos pretos e cães pretos com correntes incandescentes, cada vez mais, tantos que ele não tinha onde se esconder. Gritavam horivelmente, pisavam no fogo, espalhavam-no e queriam apagá-lo. Ele ficou olhando tranquilamente por algum tempo, mas, quando aquilo passou da conta, pegou a faca de entalhe e gritou: “Fora daqui, sua corja!” E começou a golpeá-los. Alguns saltaram para longe; matou os outros e os jogou lá fora, na lagoa. Quando voltou, soprou as faíscas até reacender o fogo e se aqueceu. Enquanto estava ali, seus olhos já não queriam ficar abertos, e sentiu vontade de dormir. Olhou em volta e viu uma cama grande num canto. “É disso mesmo que preciso!”, disse, e se deitou. Mas, quando ia fechar os olhos, a cama começou a andar sozinha e correu pelo castelo inteiro. “Muito bem”, disse ele, “mais depressa!” A cama rolava como se seis cavalos a puxassem, subindo e descendo por soleiras e escadas. De repente, zás, zás!, virou de cabeça para baixo e caiu sobre ele como uma montanha. Mas ele lançou cobertas e travesseiros para o alto, saiu debaixo dela e disse: “Agora pode andar nela quem quiser!” Deitou-se junto ao fogo e dormiu até amanhecer. Pela manhã, o rei chegou e, vendo-o deitado no chão, achou que os fantasmas o haviam matado. Disse: “Que pena de um rapaz tão bonito!” O jovem ouviu, ergueu-se e respondeu: “Ainda não chegamos a esse ponto!” O rei se espantou, mas ficou contente e perguntou como ele havia passado. “Muito bem”, respondeu. “Uma noite já passou; as outras duas também passarão.” Quando voltou à estalagem, o dono arregalou os olhos. “Não achei que voltaria a vê-lo vivo”, disse. “Já aprendeu o que são arrepios?” “Não”, respondeu. “Tudo em vão! Se ao menos alguém pudesse me dizer!”

Na segunda noite, tornou a subir ao velho castelo, sentou-se junto ao fogo e recomeçou a velha cantilena: “Se ao menos eu sentisse arrepios!” Quando se aproximava a meia-noite, ouviu-se uma barulheira, primeiro baixa, depois

cada vez mais forte; em seguida houve um breve silêncio. Por fim, com grandes gritos, metade de um homem caiu pela chaminé e aterrissou diante dele. “Ei!”, gritou. “Ainda falta outra metade; isso é pouco.” O barulho recomeçou, rugindo e uivando, e a outra metade também caiu. “Espere”, disse ele, “primeiro vou soprar um pouco o fogo para você.” Quando fez isso e olhou de novo, os dois pedaços haviam se juntado, e um homem horrendo estava sentado em seu lugar. “Não foi isso que combinamos”, disse o rapaz. “O banco é meu.” O homem quis empurrá-lo, mas ele não aceitou, afastou-o à força e se sentou outra vez em seu lugar. Então caíram mais homens, um após outro. Trouxeram nove ossos de mortos e dois crânios, arrumaram tudo e começaram a jogar boliche. O rapaz também ficou com vontade e perguntou: “Escutem, posso entrar?” “Sim, se tiver dinheiro.” “Dinheiro tenho de sobra”, respondeu, “mas suas bolas não estão bem redondas.” Pegou os crânios, prendeu-os no torno e os torneou até ficarem redondos. “Pronto, agora vão rolar melhor”, disse. “Vamos, agora vai ser divertido!” Entrou no jogo e perdeu um pouco de seu dinheiro; mas, quando bateram doze horas, tudo desapareceu diante de seus olhos. Deitou-se e dormiu tranquilamente. Na manhã seguinte, o rei veio saber como fora. “Como passou desta vez?”, perguntou. “Joguei boliche”, respondeu, “e perdi alguns hellers.” “E não sentiu arrepios?” “Ora, essa!”, disse ele. “Eu me diverti. Se ao menos soubesse o que são arrepios!”

Na terceira noite, sentou-se de novo em seu banco e disse muito contrariado: “Se ao menos eu sentisse arrepios!” Já era tarde quando seis homens grandes entraram carregando um caixão. Então disse: “Ah, ah, deve ser meu priminho, que morreu há poucos dias!” Fez sinal com o dedo e chamou: “Venha, priminho, venha!” Eles puseram o caixão no chão; ele se aproximou e tirou a tampa. Dentro havia um homem morto. Tocou-lhe o rosto, mas estava frio como gelo. “Espere”, disse, “vou aquecer você um pouco.” Foi até o fogo,

esquentou a mão e a pôs sobre o rosto do morto, mas ele continuou frio. Então o tirou do caixão, sentou-se junto ao fogo, colocou-o no colo e lhe esfregou os braços para fazer o sangue voltar a circular. Como isso também não adiantou, pensou: “Quando dois ficam juntos na cama, um aquece o outro.” Levou-o para a cama, cobriu-o e se deitou a seu lado. Depois de um tempo, o morto também ficou quente e começou a se mexer. O rapaz disse: “Está vendo, priminho? Se eu não tivesse aquecido você!” Mas o morto começou a gritar: “Agora vou estrangular você!” “O quê?”, disse ele. “É assim que me agradece? Vai voltar agora mesmo para seu caixão!” Ergueu-o, jogou-o lá dentro e fechou a tampa. Os seis homens vieram e o levaram embora outra vez. “Não consigo sentir arrepios”, disse. “Aqui nunca vou aprender.”

Então entrou um homem maior que todos os outros, de aparência terrível. Era velho e tinha uma longa barba branca. “Ah, seu miserável!”, gritou. “Agora vai aprender logo o que são arrepios, pois vai morrer!” “Não tão depressa”, respondeu o rapaz. “Se tenho de morrer, também preciso participar disso.” “Vou pegar você”, disse o monstro. “Calma, calma, não se faça de tão importante! Sou tão forte quanto você, e talvez ainda mais.” “Vamos ver”, disse o velho. “Se for mais forte que eu, vou deixá-lo ir. Venha, vamos tentar.” Conduziu-o por corredores escuros até uma forja, pegou um machado e, com um só golpe, cravou uma das bigornas na terra. “Isso eu faço ainda melhor”, disse o rapaz, indo até a outra bigorna. O velho ficou a seu lado para olhar, com a barba branca pendendo. O rapaz pegou o machado, partiu a bigorna com um golpe e prendeu nela a barba do velho. “Agora peguei você”, disse o rapaz. “Agora é sua vez de morrer.” Pegou uma barra de ferro e começou a bater no velho, até ele gemer e pedir que parasse: daria ao rapaz grandes riquezas. O jovem puxou o machado e o soltou. O velho o conduziu de volta ao castelo e lhe mostrou, num porão, três caixas cheias de ouro. “Disto”, disse,

“uma parte é para os pobres, outra para o rei e a terceira para você.” Nisso bateram doze horas, e o espírito desapareceu, deixando o rapaz no escuro. “Hei de conseguir sair daqui”, disse. Tateou até encontrar o caminho de volta ao aposento e adormeceu junto ao fogo. Na manhã seguinte, o rei veio e disse: “Agora deve ter aprendido o que são arrepios!” “Não”, respondeu. “O que são, afinal? Meu primo morto esteve aqui, e veio um homem barbudo que me mostrou muito dinheiro lá embaixo; mas ninguém me disse o que são arrepios.” Então o rei disse: “Você libertou o castelo do encanto e vai se casar com minha filha.” “Tudo isso é muito bom”, respondeu, “mas ainda não sei o que são arrepios.”

Trouxeram o ouro para cima e celebraram o casamento. Mas o jovem rei, por mais que amasse sua esposa e estivesse feliz, vivia dizendo: “Se ao menos eu sentisse arrepios, se ao menos eu sentisse arrepios!” Por fim, ela se irritou. Sua criada de quarto disse: “Vou dar um jeito. Ele vai aprender o que são arrepios!” Foi até o riacho que corria pelo jardim e mandou buscar um balde inteiro de góbios. À noite, enquanto o jovem rei dormia, sua esposa teve de puxar a coberta e despejar sobre ele o balde de água fria com os góbios, de modo que os peixinhos se agitassem em torno dele. Ele acordou e gritou: “Ah, que arrepios, que arrepios, querida esposa! Sim, agora sei o que são arrepios!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-rapaz-que-saiu-para-aprender-a-ter-medo>